

Relatório do Presidente apresentado no Concílio Geral do Sínodo Evangélico Luterano Unido

(Joinville — 11.10.1963)

I

K. Gottschald

Fé e amor

A leitura bíblica do ano eclesiástico, referente ao dia de hoje, é da epístola aos Gálatas e nela encontramos esta palavra: «Em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircucisão, tem qualquer valor, mas a fé que atua pelo amor» (Gál. 5, 6). Esta Palavra de Paulo, tão cheia de conteúdo, faz-nos lembrar aquilo que Lutero redescobriu para toda a cristandade e que, como confissão reformatória, faz parte da Ordem Fundamental do nosso Sínodo. Esta palavra que serve de introdução ao nosso relatório pode prestar-nos um duplo serviço. Chama a nossa atenção (1) para o único fundamento de nossa fé e (2) para o verdadeiro ponto de partida para todo o atuar em nossa Igreja.

A palavra citada encontra-se no trecho da epístola aos Gálatas, que trata da liberdade do cristão, da liberdade que exatamente em nossas fileiras é tão apregoada — freqüentemente com uma olhadela de soslaio para os outros cristãos —, e tantas vezes tão mal compreendida. A liberdade que nos foi dada em Cristo, não a podemos comparar com as várias liberdades conquistadas na história dos povos e garantidas pelas constituições, como, por exemplo, a liberdade de opinião. A liberdade em Cristo, não a podemos conquistar, herdar e assegurar por meio de garantias. Ela não depende de pressuposições humanas, sociais ou estatais, nem de outras liberdades, para as quais ela, no entanto, nos abre os olhos. Um escravo como Onésimo pode tê-la e um assim chamado «livre» pode não tê-la. Ela também não nos pode ser concedida apenas parcialmente como outras liberdades: ou a possuímos ou não a possuímos. Aferida por esta liberdade, a humanidade apenas se divide, em última análise, nestes dois grupos: o dos verdadeiramente livres e o dos não livres. E esta separação passa através de continentes, povos e fronteiras. Prezados irmãos, que é que dá origem a esta «gloriosa liberdade dos filhos de Deus» (Rom. 8, 21), e a que ela nos impele?

(1) A iniciativa não parte de nós, mas, sim, de Deus. Ele chama e escolhe. «Em Cristo Jesus» Ele vem ao nosso encontro. Patenteia-nos seu coração de pai, que pune e ama, condena e absolve. Dá-

nos o seu sim, embora sejamos infiéis, culpados e indignos. Por mera graça nos deixa participar daquilo que Seu Filho alcançou através de luta e sofrimento. Sem qualquer mérito nosso, Êle nos faz justiça aceitando-nos tal qual somos — como nós próprios nos reconhecemos — se formos sinceros: como pecadores. Disto deveríamos dar-nos conta sempre de nôvo e com tôda a clareza. Todos nós fomos uma vez alunos e alguns de nós se dedicam ao magistério. Portanto, todos sabemos que um professor sòmente faz justiça a seus alunos considerando-os ignorantes e admitindo-os como tais; a êles pode ensinar algo digno de saber, sem que possa pressupor que já o saibam. Deus nos faz justiça considerando-nos pecadores e aceitando-nos pelo amor de Cristo. Embora, devido à nossa natureza, inclinemos, sempre de nôvo, a querer fazê-lo, não podemos encobrir ou disfarçar esta realidade. E se Deus em Cristo Jesus nos perdoa a nossa culpa, nos justifica, nos admite a sua comunhão, nos livra de todos os poderes que conseguiram prender-nos, então isto é exclusivamente a sua dádiva soberana. Se Êle no-la concede, fá-lo por mera graça. Nisto nada podemos alterar. Encontramo-nos no caminho errado, se julgamos que possamos conseguir — por meio de certas pressuposições ou esforços especiais — tornar-nos dignos desta dádiva de Deus ou que possamos, até, adquiri-la. «De Cristo vos desligastes», escreve Paulo aos Gálatas, «que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes» (Gál. 5, 4). Êle, que mesmo pertence ao povo eleito, no qual Deus se revelou e ao qual confiou a sua lei, não admite nada disso como possibilidade para uma autojustificação perante Deus. «Em Jesus Cristo nem a circuncisão vale alguma coisa, nem a incircuncisão». Com isto Paulo se refere ao mais importante que pode apresentar de si e que, além de muitas outras coisas, se tornou sem valor em vista de Jesus Cristo. Perante Deus e sua obra de graça patenteada em Cristo Jesus, simplesmente nada temos para apresentar, sempre estamos de mãos vazias, em nada podemos insistir — nem mesmo na nossa doutrina pura, a coisa alguma podemos apegar — nem mesmo a uma instituição religiosa. O que Deus nós concede por graça em Cristo Jesus, podemos compreendê-lo e recebê-lo apenas na fé. E esta fé não representa processo intelectual; a palavra grega para fé «Pistis» nos diz claramente que se trata de relações de confiança. O amor de Deus apresenta-se-nos em Cristo Jesus de maneira tão poderosa que domina o nosso coração, e nós mesmos somos atraídos a uma comunhão pessoal com o Pai, à relação de confiança ilimitada, que abrange tôda a nossa existência, todos os nossos pensamentos, sentimentos e aspirações.

(2) Se nos é dada esta fé, não podemos permanecer inativos. Uma fé inativa, não seria fé. Pois o que nós experimentamos e recebemos por Cristo age dentro de nós; enche-nos de profunda gratidão; leva-nos à obediência espontânea. Torna-nos livres para servirmos ao próximo. Faz surgir em nós novas forças. Desprende em nós principalmente uma força vital, que sempre de nôvo encontramos no Nôvo Testamento. Esta força vital desencadeada pela fé chama-se amor (agape). Por ela se manifesta a fé. Por isso, Paulo a denomina a fé que se realiza no amor ou (segundo a tradução de Lutero) a fé que

atua pelo amor (Gál. 5, 6). Destas novas relações de confiança com Deus, o Pai, resultam, portanto, as nossas relações — determinadas pelo amor — com o nosso próximo. Não pode haver outra base para todo o atuar na Igreja, para qualquer atividade diaconal e para uma ética cristã. É o amor experimentado em Cristo, que faz nascer em nós um amor transbordante. Portanto, já não continua a ser o nosso amor egoísta, mas sim o amor que encontramos em Cristo. É o amor de Deus derramado em nossos corações (Rom. 5, 5), que Paulo com a glorificação do amor no cap. XIII da 1ª epístola aos Coríntios procura caracterizar. Neste amor, e somente nêle, o nosso servir se pode unir ao obrar de Deus formando com êle uma unidade. Dêste amor Paulo diz que êle nunca há de acabar (1. Coríntios 13, 8). Êle, por conseguinte, é a força e, certamente, a única força em nossa existência, da qual podemos supor que sobreviva êste mundo transitório e que subsista no nôvo mundo de Deus.

Apenas êste amor que nasce da fé cria verdadeira comunhão entre nós. Pois êste amor altruísta, engenhoso e que perdoa, sempre de nôvo se oferece, e não só procura os assim chamados dignos dêle. Dedicase exatamente aos fracos e necessitados para ampará-los. Êle não tolera o que é mau, porque êle nasce da verdade. Desta maneira não desperta apenas as forças positivas, mas sim, opõe-se às forças trevosas que sempre de nôvo colocam o homem em oposição a Deus e a seu próximo. Visto que verdadeiro amor é sempre exclusivamente amor que atua humildemente, êle exclui tôda e qualquer ambição de prestígio. Ambição de prestígio, dentro da igreja, constitui sempre algo de grotesco. Pois tôdas as incumbências na Igreja são, em última análise, ordens de serviço. E no âmbito da Igreja sempre se pode tratar apenas de encontrar a pessoa idônea para o respectivo serviço. Todo serviço dentro da Igreja, porém — nossa pregação e nosso atuar — quer conduzir os outros ao Senhor que nos livra da servidão. Nas épocas de emergência, quando a Igreja tem de enfrentar tão variadas exigências nos diferentes setores da vida, esta orientação do nosso serviço é especialmente ameaçada. Os contrastes e as tensões sociais, assim como o rápido crescimento da população, a migração interna, a fuga do campo, o rápido desenvolvimento técnico, tudo isto são fenômenos em nosso país, que colocam também a Igreja perante novas tarefas em setores como o ensino escolar, a assistência social, o tratamento dos enfermos e a orientação agrícola e profissional. Sobre-tudo quando se oferece ajuda generosa para o desenvolvimento, fazendo assim desnecessário o próprio sacrificio — esta situação pode levar a uma atividade improfícua e frustrada. Atividade que não nasce do amor, por fim, não auxilia o homem, nem fortifica a união. E amor sem sacrificio próprio não é amor. Antes de exigirmos qualquer reforma em nossa época, deveríamos, pelo menos nós, saber: há falta de gente que com verdadeiro amor queira servir e ajudar o próximo. Sem êle todo planejar — o mais cuidadoso ou magnânimo que seja — não produzirá os devidos efeitos. E sem o amor que nasce da fé não pode haver comunidades vivas.

II

Resenha dos principais fatos ocorridos desde o Concílio anterior fora do âmbito do Sinodo Evangélico Luterano Unido

Vários pastores do SELU integraram a delegação da IECLB que participou da IV Convenção da Federação Mundial Luterana realizada de 30 de julho a 11 de agosto de 1963 em Helsinki, na qual o Presidente de Igreja D. Schlieper foi reeleito como membro do Comitê Executivo da referida Federação.

O Presidente do SELU participou, como hóspede oficial, do Sinodo da Igreja Evangélica na Alemanha, realizada em Bethel, de 10 a 15 de março último, onde teve oportunidade de agradecer, de viva voz, pela ampla assistência prestada pela Igreja-Mãe.

Vários pastores da nossa Igreja participaram, em Dortmund, da concentração 11. Deutscher Evangelischer Kirchentag, promovido de 24 a 28 de julho último.

Nos dias de 26 a 28 de outubro de 1962 realizou-se, na cidade de São Leopoldo, o IV Concílio Eclesiástico da IECLB, o qual votou a alteração da Constituição da IECLB, o Estatuto do Ministério Eclesiástico e o Código Disciplinar, tendo eliminado, na oportunidade, a «Federação Sinodal» na denominação até então usada. Reelegeu o pastor D. Schlieper para presidir a IECLB por um período de 8 anos.

A 29 de outubro de 1962, e nos dias de 26 a 28 de abril de ano em curso, reuniu-se o Conselho Diretor da IECLB, o qual, nesta última oportunidade, também resolveu constituir comissões para elaborar proposta de unificação da Região Sinodal Espírito Santo e do Sinodo Evangélico do Brasil Central, e para examinar a possibilidade de organizar a instituição de Lagoa Serra Pelada como instituição enquadrada na IECLB, como igualmente resolveu prever a redução do período transitório do mandato do atual Presidente do SELU.

III

Resenha dos principais fatos ocorridos no âmbito do SELU desde a posse de sua Diretoria

Só com a posse solene de sua Diretoria, ocorrida a 26 de maio de 1963 na igreja de Blumenau, passou a concretizar-se, em sua plenitude, a constituição do SELU votada a 20.10.1962 no Concílio de Curitiba.

A partir de então, e à medida que lho permitiram as circunstâncias, procurou o Presidente cumprir a sua tarefa, quer mantendo contactos mensais prolongados com os demais membros da Diretoria (em Blumenau, Joinville, Pomerode e Pirabeiraba) para tratar da infinidade de questões surgidas, quer despachando, por correspondência, de São Leopoldo, os assuntos administrativos inadiáveis, quer mantendo contacto permanente com o 2º Vice-Presidente, o pastor H. Stoer, o qual se encarregou de atender os assuntos que não podiam ser atendidos de São Leopoldo e que não dependiam de decisão da Diretoria.

Expirando, por ocasião do presente Concílio, o mandato da atual Diretoria, impõe-se a eleição da nova Diretoria. Recomenda a experiência que esta renovação se processe conforme propostas apresentadas por comissão previamente incumbida para tal.

O SELU foi registrado, a 29.7.1963, na Capital deste Estado, como pessoa jurídica, regendo-se pela Ordem do SELU aprovada a 20.10.1962 em Curitiba e publicada no «Mensageiro do Evangelho-Castelo Forte», edição de 15.8.1963. Em conformidade com as decisões tomadas ainda em Curitiba, o presente Concílio reexaminará esta Ordem, para o que a comissão então para isso indicada está apresentando proposta igualmente publicada no órgão mencionado.

A Diretoria resolveu unificar as publicações «Mensageiro do Evangelho» e «Castelo Forte», e adotar tal periódico unificado como órgão oficial do SELU, atribuindo a redação deste órgão ao Vice-Presidente pastor Stoer.

Do mesmo modo, resolveu editar um boletim para informar às diretorias paroquiais e aos pastores as resoluções importantes tomadas pela Diretoria, as alterações verificadas no quadro dos pastores, as vagas surgidas etc.

A Diretoria desistiu de promover a realização de concílios regionais por considerar necessário novo exame da divisão provisória resolvida em Curitiba. O presente Concílio deverá tratar novamente desta matéria e nomear, na medida do possível, os respectivos presidentes regionais, a fim de que estes possam convocar os primeiros concílios regionais.

Tarefa bastante difícil foi a introdução de um modo uniforme para a administração das finanças do SELU, matéria que será relatada pelo Tesoureiro o sr. Freiherr von Wangenheim. A respeito do orçamento para 1964, este Concílio ainda deverá pronunciar-se.

A Diretoria já concordou com que a «Obra Missionária de Leigos da Igreja Luterana no Brasil» seja denominada «Obra Missionária do SELU» e incluir, também, membros do antigo Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná.

Preocupou-se a Diretoria igualmente com o futuro do Internato de Canoinhas, parecendo-lhe indicado que este Concílio se manifeste a respeito.

Acontecimento digno de menção especial foi a visita demorada do Kantor Friedrich Meyer e o seu importante trabalho realizado nas comunidades de Blumenau, Jaraguá do Sul, Guarimirim, Curitiba, Marchal Rondon e Lagoa Serra Pelada.

Por parte da Diretoria, o Vice-Presidente pastor Stoer e o Tesoureiro Freiherr von Wangenheim visitaram as comunidades do Oeste Paranaense, e o Presidente, juntamente com o Presidente do Sínodo Evangélico do Brasil Central, visitaram o Espírito Santo, onde se inteiraram dos projetos de Vitória e de Lagoa Serra Pelada, visitas que se realizaram de fins de agosto até meados de setembro.

As 47 paróquias compreendendo 311 comunidades com um total de 35.135 membros (188.597 almas) foram atendidas por 56 pastores. Foram realizados 5.091 cultos divinos, 911 celebrações de santa ceia (74.975 comungantes), além de 703 celebrações em domicílios

(2.042 comungantes), 3.704 cultos infantis, 1.442 reuniões de estudo bíblico, 5.052 batismos, 3.579 confirmações, 1.270 casamentos e 1.254 sepultamentos. As instituições mantidas compreendiam 60 grupos da Juventude Evangélica, 73 grupos da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, 7 grupos da Obra Missionária de Leigos, 25 jardins de infância, 10 escolas primárias e 7 escolas de grau médio.

IV

Fatos relacionados com os pastores do SELU

Um grupo de aproximadamente 15 pastores participaram de duas reuniões de estudo realizadas na Faculdade de Teologia de São Leopoldo, promovida uma pela IECLB, de 2 a 4 de julho último, e a outra, pelo Sínodo Riograndense, no dia 5 daquele mês, objetivando ambas examinar problemas de ordem social e a responsabilidade da Igreja face aos mesmos.

Prestaram o 1º exame teológico, em junho de 1963, os pastores colaboradores Baldur van Kaick e Wolfram Mehler e, em novembro de 1962, o pastor colaborador Meinrad Piske.

Prestaram o 2º exame teológico, em julho último, os pastores Eugen Baltzer, Alfred Creutzberg, Karl Gehring, Kurt Hendrich, Egon Marterer, Gerhard Meister, Jochen Pawelke, Hans Riegel, Richard Rosenbauer, Erich Ruff e Horst Schmekel.

A 28.7.1963 foi ordenado o pastor Alfred Creutzberg.

Por motivos de saúde retornou à Igreja-Mãe em fins de agosto o pastor Hans Riegel.

Foram admitidos no SELU os Pastores Hermann Bertlein (3.4.1963), Albrecht Frank (27.4.1963), Klaus Ehrhardt (28.4.1963), Hans Lauerhaas (1.9.1963) e o diácono Martin Merklein (em dezembro de 1962), aguardando-se para breve a admissão dos pastores Frank Hensel e Thomas Roeder, todos procedentes da Igreja-Mãe.

Ao encerrar o presente relatório, cabe-me agradecer a todos os que com as suas orações e a sua colaboração acompanharam, nesta fase de transição, o caminho do nosso Sínodo. De modo especial dirijo este agradecimento aos membros da Diretoria e da Comissão de Estatutos, às diretorias das comunidades e aos pastores.

Queiram os prezados irmãos desculpar se as circunstâncias extraordinárias não me permitiram oferecer uma ação pessoal permanentemente no seio deste Sínodo, impedindo, assim, também uma atenção mais direta aos problemas de ordem pessoal ou âmbito paroquial.

Ao concluir este relatório, dirijo a minha prece ao Altíssimo, pedindo que desperte e fortaleça em nós sempre de novo esta fé, que opera através do amor, e que nos dê comunidades vivas que crescendo se unam cada vez mais em sua missão comum de ser Igreja.